



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

Beatriz Damazio da Silva

**Reflexões sobre de Gênero e Educação na Infância: Uma Análise do Curta-  
Metragem “Vestido Nuevo”**

Florianópolis, SC.  
2023

Beatriz Damazio da Silva

**Reflexões sobre Gênero e Educação na Infância: Uma Análise do Curta-  
Metragem “Vestido Nuevo”**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador(a): Prof.(a) Patrícia de Moraes Lima,  
Coorientador(a): Prof.(a) Amanda Vidal.

Florianópolis, SC.

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

da Silva, Beatriz Damazio  
Reflexões sobre Gênero e Educação na Infância: Uma  
Análise do Curta-Metragem "Vestido Nuevo" / Beatriz  
Damazio da Silva ; orientadora, Patricia de Moraes Lima,  
coorientadora, Amanda Vidal Silva, 2023.  
55 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências  
da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2023.

1. Pedagogia. 2. Gênero. 3. Infância. 4. Educação. I.  
Lima, Patricia de Moraes. II. Silva, Amanda Vidal . III.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Pedagogia. IV. Título.

Beatriz Damazio da Silva

**Reflexões sobre Gênero e Educação na Infância: Uma Análise do Curta-  
Metragem “Vestido Nuevo”**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Reflexões sobre Gênero e Educação na Infância: Uma Análise do Curta-Metragem “Vestido Nuevo” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pedagogia.

Florianópolis, 30 de novembro de 2023.

---

Profa. Simone Vieira de Souza, Dra.  
Coordenação do Curso

**Banca examinadora**

---

Profa. Patrícia de Moraes Lima, Dra.  
MEN/CED/UFSC  
Orientadora

---

Profa. Amanda Vidal Silva, Ma.  
PPGE/CED/UFSC  
Coorientadora

---

Profa. Angélica Pereira, Dra.  
EED/CED/UFSC  
Avaliadora Titular

---

Profa. Maristella Della Flora, Ma.  
PPGE/CED/UFSC  
Avaliadora Suplente

---

Prof. Alexandre Toaldo Bello, Dr.  
PPGE/CED/UFSC  
Avaliador Titular

Florianópolis, SC.  
2023

Dedico este trabalho a todas as mulheres, que assim como eu, lutam e almejam um mundo melhor.

Pra ser mulher é preciso sentir-se  
É preciso partilhar  
Histórias, sentimentos, força e coragem  
Coragem pra admitir que é difícil ser mulher  
Mulher é difícil  
Mas é tão fácil  
Tão fácil querer ser mulher  
Olhar pra gente e sorrir  
Na luta, na inteligência e na beleza  
Nas dores, na inconstância e na mudança  
É esse ser bruto que é preciso ser constante  
Ou quase sempre  
Lapidada  
Escutada, ensinada e apreciada  
Para amar e ser amada  
Nas mãos erradas seria um estrago  
Bom mesmo é ter muitas  
Ser diversas  
De muitas cores  
Ter um bando  
Uma tribo  
Que nada falte, que suporte e que sustente  
A base de toda mulher  
Que é ser ela mesma.

**Beatriz Damazio da Silva / 2023**

## RESUMO

O objetivo, deste trabalho, é refletir, por meio de uma análise descritiva do curta-metragem “*Vestido Nuevo*” (2007) de Sergi Pérez, algumas implicações gênero em relação à educação e infância, buscando compreender de que maneiras as experiências formativas de meninas e meninos se diferenciam, baseadas na divisão social dos papéis de gênero: feminino e masculino. A pesquisa usa como aporte metodológico, a análise cinematográfica como ferramenta de investigação. O curta metragem suscitou reflexões de como as expectativas dos papéis sociais de gênero podem se manifestar em relação as crianças e na educação e como contribuem na reprodução de padrões que hierarquizam as relações de gênero. A escolha do filme, compreendido como artefato cultural, mostrou-se uma ferramenta produtiva para analisar as influências de gênero na formação de identidades e nas relações sociais. O estudo destaca a importância da problematização e do debate em relação ao tema de gênero nas escolas, bem como a construção de um espaço de reflexão e aprendizado. Conclui-se que os artefatos culturais, como filmes, podem desempenhar um papel produtivo nos debates em torno das relações de gênero, contribuindo para uma melhor compreensão da constituição histórica dos papéis de gênero e suas representações na sociedade. O texto busca ser uma contribuição para a reflexão sobre práticas educacionais mais equitativas e inclusivas, reconhecendo o impacto das relações de gênero na formação de professoras e na promoção de uma educação que respeite a diversidade e a igualdade.

**Palavras-chave:** Gênero; Infância; Educação; Cinema.

## **ABSTRACT**

The objective of this work is to analyze, through a descriptive analysis of the short film "Vestido Nuevo" (2007) by Sergi Pérez, how gender relations unfold about education and childhood, seeking to understand in which ways the formative experiences of girls and boys differ, based on the social division of gender roles: female and male. The research uses film analysis as a methodological contribution as an investigation tool. The short film raised reflections on how the expectations of social gender roles can manifest themselves concerning children and education and how they contribute to the reproduction of patterns that hierarchize gender relations. The choice of the film, understood as a cultural artifact, proved to be a productive tool for analyzing gender influences on the formation of identities and social relations. The study highlights the importance of problematizing and debating the topic of gender in schools, as well as building a space for reflection and learning. It is concluded that cultural artifacts, such as films, play a productive role in gender relations debates, contributing to a better understanding of the historical constitution of gender roles and their representations in society. The text seeks to contribute to reflection on more equitable and inclusive educational practices, recognizing the impact of gender relations on the training of educators and the promotion of education that respects diversity and equality.

**Keywords:** Gender; Childhood; Education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - - Mário sentado em sua mesa enquanto os colegas o observam .....	41
Figura 2 - Mário sentado em frente à secretaria.....	42
Figura 3 – Santos, um menino da classe ofendendo sua colega em sala.....	43
Figura 4 - Crianças em sala caçoando de Mário .....	45
Figura 5 - Mário em conversa com sua colega de classe .....	48
Figura 6 - Diretor em conversa com o pai de Mário .....	50
Figura 7 - Mário abraçando seu pai ao sair da escola.....	51

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>PROBLEMATIZAÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>14</b>
3.1	OBJETIVO GERAL .....	14
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>15</b>
<b>5</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>19</b>
<b>6</b>	<b>CONCEPÇÃO TEÓRICA DE GÊNERO</b> .....	<b>21</b>
6.1	GÊNERO E INFÂNCIA .....	30
6.2	GÊNERO, EDUCAÇÃO E CRIANÇAS .....	33
6.3	GÊNERO: DISTINÇÕES DE FEMINILIDADE X MASCULINIDADE .....	36
<b>7</b>	<b>REFLEXÕES SOBRE GÊNERO, EDUCAÇÃO E INFÂNCIA A PARTIR DO CURTA-METRAGEM “VESTIDO NUEVO”</b> .....	<b>40</b>
7.1	EXPECTATIVA BIOLÓGICA DE GÊNERO .....	40
7.2	EXPLORANDO GÊNERO NA ESFERA EDUCACIONAL: CONSTRUÇÕES E RELAÇÕES ESCOLARES .....	41
7.3	RELAÇÕES SEXISTAS DE GÊNERO.....	43
7.4	ATRIBUIÇÕES ESPECÍFICAS E DETERMINADAS DE GÊNERO .....	44
7.5	NORMALIZAÇÃO DOS CORPOS INFANTIS .....	47
<b>8</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>53</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema as relações de gênero na educação com a infância. Entende-se que gênero é significativo para a formação humana na construção das identidades sociais e que os processos de compreensão e construção das identidades individuais têm início na infância desde o nascimento.

A discussão diante do tema, surgiu inicialmente a partir de uma pesquisa realizada no Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos (NADE) intitulada Corpo e Gênero na Educação infantil onde foi possível aprofundar os conhecimentos sobre sexualidade e as relações de gênero na perspectiva de meninas e meninos sob o olhar de pessoas adultas.

No primeiro semestre de 2020, o STF (Supremo Tribunal Federal), decidiu por unanimidade ser dever do Estado abordar a temática de gênero e sexualidade nas escolas do país, como forma de combater violências e discriminações<sup>1</sup>. Compreende-se que falar sobre gênero nas escolas é algo fundamental, sendo um dos caminhos no processo de igualdade e respeito entre as pessoas da nossa sociedade. Atualmente, o tema gênero vem sofrendo ataques de movimentos conservadores e reacionários, que contribuem para propagação do ódio, discriminação, racismo, LGBTfobia, machismo, entre outros problemas que compõem os ambientes educativos.

O termo gênero, principalmente dentro dos espaços educacionais, é visto como um tema íntimo, complicado, difícil e que ultrapassa os limites "invisíveis" que permeiam as instituições. É preciso que o tema deixe de ser um tabu, abrindo espaço para a reflexão, a aprendizagem e respeito sobre nós mesmas e sobre a outra, principalmente a partir da educação.

Inicialmente organizo a metodologia do meu trabalho, apoiada em uma análise cinematográfica, com base nas literaturas relacionadas Scott (1995); Piscitelli (2009) aos temas gênero, infância e educação. A pesquisa foi organizada em capítulos, com base nisso, no capítulo Concepção Teórica de Gênero, busco situar o conceito de gênero e o relaciono, em seguida, com infância e educação. Nele, específico o conceito de gênero, entendido como uma categoria de análise, a partir de

---

<sup>1</sup> <https://www.cnte.org.br/index.php/menu/comunicacao/posts/noticias/73170-em-nova-decisao-stf-afirma-que-e-dever-do-estado-abordar-genero-e-sexualidade-na-escola>. Acesso em 04/12/2023.

Scott (1995) e busco realizar uma breve linha histórica, a partir de uma perspectiva feminista ocidental, do surgimento do conceito de gênero, posteriormente relacionando-o com a infância e a educação. No capítulo Reflexões sobre Gênero, Educação e Infância a partir do Curta-Metragem “*Vestido Nuevo*”, concentrei-me em analisar o artefato cultural selecionado: o curta-metragem.

O estudo analisa, de forma descritiva e reflexiva, o curta-metragem espanhol “*Vestido Nuevo*” (2007), dirigido por Sergi Pérez, que aborda questões de gênero no contexto escolar, explorando as expectativas de gênero, a pressão social e as reações da escola e da sociedade diante da escolha de Mário, uma criança, personagem central do curta-metragem. A partir da problematização sobre os padrões de vestimenta em relação aos gêneros estabelecidos na sociedade ocidental contemporânea, o curta-metragem possibilita a construção de reflexões sobre estereótipos de gênero, normas sociais e a liberdade de expressão individual, especialmente na infância.

Por meio do curta-metragem, foi possível refletir sobre os papéis sociais de gênero, feminino e masculino na sociedade atual, e suas implicações nas relações sociais, uma temática relacionada à formação de sujeitos por meio da educação institucional.

A partir dessas premissas, foi possível realizar alguns questionamentos na produção da pesquisa: é possível perceber implicações de gênero nas relações de meninas e meninos na educação? Qual é a abordagem daquela escola em relação à educação e como ela aborda as questões de gênero nesse contexto? Como a escola gerencia as relações saudáveis entre meninas e meninos? Qual é a responsabilidade de pessoas adultas, especialmente professoras, ao se referir às crianças, diante da percepção delas sobre os papéis de gênero?

## 2 PROBLEMATIZAÇÃO

O gênero desempenha um papel fundamental no processo de identificação, formação de concepção de si da criança e em sua construção como sujeito. Ao longo dos processos históricos, observamos a formação de estereótipos e preconceitos que são reproduzidos culturalmente. A educação, juntamente com os processos de ensino e aprendizagem, não está isenta dessa reprodução, estando ligada a essa dinâmica.

Nos espaços institucionais de educação, atitudes relacionadas as diferenciações sexistas dos gêneros se perpetuam, moldando comportamentos que, por vezes, legitimam preconceitos, crenças e valores que podem ser prejudiciais tanto para as outras quanto para nós mesmas<sup>2</sup>.

Nessa perspectiva, a partir do curta-metragem que se passa no âmbito escolar, ou seja, num contexto de educação institucionalizada, surgem perguntas que buscamos refletir ao longo do texto: como são compreendidas, a partir do curta-metragem, as relações de gênero na educação escolar? Quais outras formas de educabilidade das crianças podem ser perspectivadas em contraposição a ideia binária de gênero e o desempenho dos papéis sociais masculino e feminino?

---

<sup>2</sup> Neste trabalho, faço a opção por utilizar a linguagem feminina, com a intenção de demarcar a histórica presença das mulheres que ocupam majoritariamente o espaço da educação.

### 3 OBJETIVOS

#### 3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar algumas questões em torno de gênero, educação institucional e infância por meio do curta-metragem “*Vestido Nuevo*”

#### .2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Aprofundar o conceito histórico de gênero;
- Correlacionar o conceito de gênero e infância;
- Localizar a categoria de gênero em relação a educação institucional e as crianças;
- Analisar as representações de gênero e algumas de suas implicações nas infâncias no âmbito da educação institucional.

## 4 METODOLOGIA

A abordagem metodológica é uma escolha que se baseia, neste caso, em uma concepção de gênero e infância. Para tal fim, buscamos explicitar nossa concepção de gênero, infância e os desdobramentos que resultam nas estruturas e construções destes temas em relação com a educação a partir da análise do referencial teórico em relação com o curta-metragem espanhol *Vestido Nuevo* (2007), com direção de Sergi Pérez, que recebeu dez prêmios em vários festivais, tratando de um tema sensível no que se refere às discriminações, preconceitos e violências de gênero.

Em um primeiro momento da pesquisa, iniciei com uma abordagem teórica sobre as concepções de gênero, infância e educação. Num segundo momento, a partir das literaturas e concepções teóricas, realizei uma análise descritiva das cenas do curta-metragem.

A análise do curta-metragem "*Vestido Nuevo*" foi possível a partir de observações e registros das cenas do mesmo, em diálogo com algumas autoras, tais como: Piscitelli (2009), Ruth Sabat (2001), Johan Scott (1995), etc., sobre o mesmo tema: gênero, educação e infância. A revisão da literatura foi importante para mapear alguns estudos realizados e, em especial, verificar se algum deles utiliza o artefato cultural proposto, particularmente o filme, como recurso analítico.

O curta metragem é considerado um artefato cultural produzido pela sociedade, sendo, portanto, uma produção humana a partir da sua cultura, hábitos, costumes, etc. Deste modo, trata-se de uma ferramenta que possibilita a reflexão de vários temas sociais, no caso deste estudo, de gênero em relação a infância e a educação institucional.

Em consonância com Sabat (2001), tornou-se possível compreender os artefatos culturais como objetos portadores de significados culturais, simbolizando valores, crenças, práticas sociais e identidades de uma comunidade ou sociedade específica. Esses artefatos desempenham um papel essencial no entendimento e estudo de uma cultura, funcionando como ferramentas que auxiliam na pesquisa sobre como as pessoas pensam, se comportam e interagem em um determinado contexto social. Os artefatos culturais não apenas oferecem uma visão sobre os valores, tradições e histórias culturais, mas também desempenham um papel crucial no ensino desses elementos. Na escola, é fundamental analisar criticamente questões sociais como preconceito, discriminação e desigualdade de gênero, utilizando os

artefatos culturais como instrumentos para promover a reflexão e a compreensão desses temas.

Em resumo, os artefatos culturais são ferramentas poderosas nas pedagogias culturais, pois torna-se possível através deles compreender significados e abstrações diante das diferentes realidades e construções identitárias de gênero. Nessa linha de pensamento, é possível compreender que a escola é um importante espaço social (que é também uma pedagogia cultural) que se estabelece à medida que auxilia na construção de valores e atitudes a partir das relações de poder.

Através desse artefato cultural, o curta metragem, foi possível promover reflexões acerca de questões específicas relacionadas ao gênero de maneira acessível e compreensível para diferentes pessoas. Os filmes desempenham um papel significativo ao trazerem saberes importantes e contribuir para a construção de visões que ultrapassam as estruturas cotidianas das pessoas. Cabe frisar, a relevância dos temas abordados diante das produções dos filmes, que são organizadas e pensadas a partir de autoras que são politicamente posicionadas. Assim, eles proporcionam o conhecimento de diferentes culturas, hábitos, idiomas, culinárias, além de oferecerem insights sobre estruturas políticas, econômicas e sociais, a partir também da ótica das diferentes autoras e diretoras.

Baseando-me nas autoras que exploram o tema central da produção de gênero, realizei uma análise descritiva das cenas do curta-metragem. Essa análise busca especificar o papel da relação entre gênero e infância na educação por meio do audiovisual, examinando como essas relações são construídas e moldadas nas diversas experiências infantis apresentadas na produção. O foco recai sobre os olhares e ações adultocêntricas, destacando como estas influenciam as atitudes, escolhas e percepções da criança sobre si mesma e sobre o ambiente ao seu redor.

O curta-metragem *Vestido Nuevo* (2007), foi escolhido pelo modo como as relações são estabelecidas entre os personagens da trama, a criança (Mário), personagem central, as pessoas adultas e as demais crianças da escola, que compõem as cenas e se relacionam a partir da expectativa binária de gênero, a partir da determinação biológica. Há uma construção de um ideal de ser menino que interfere nas situações estabelecidas nas cenas selecionadas.

O tema gênero, como foco de pesquisa, surge a partir da necessidade de analisar as influências dele em relação as diferentes formações e construções binárias de ser menina e ser menino. O filme foi escolhido como objeto de análise, pois

possibilita, dentre outras coisas, uma compreensão mais facilitadora e objetiva de questões sociais que se dão a partir das relações de gênero. Entende-se que o filme, como um importante artefato cultural, pode contribuir na visibilização das concepções de gênero e infância. Além disso, é, também, uma ferramenta que auxilia na compreensão mais detalhada das construções e representações das identidades, agindo como um dos mecanismos que auxiliam nas reflexões desses marcadores, que operam na produção de saberes e possíveis “verdades” elaboradas por uma parte estrutural dominante da nossa sociedade, que configura e determina suas relações.

As ações possíveis e reguladoras desses artefatos contribuem para o entendimento dos modos de ser, das constituições e reproduções de identidades e de uma identificação do que é aceitável dentro dessas relações estabelecidas. Evidenciando também relações de classe, gênero e raça. Há um entendimento dos significados de ser mulher e ser homem que vão se tornando representações distintas e determinantes para diferentes contextos. A escola, entre outros espaços de sociabilidade, é um importante agente de contribuição na formação de crianças. É a partir da categoria gênero que se torna possível avaliar essas relações e a importância de suas significações dentro das estruturas sociais.

Portanto, a análise de um conjunto de saberes diante do artefato cultural, se apresenta como uma ferramenta possível para refletir acerca da concepção de gênero e do entendimento das relações estabelecidas por este marcador social. Diante das cenas observadas e analisadas de forma descritiva e reflexiva do curta-metragem “*Vestido Nuevo*” (2007), foram eleitos distintos núcleos temáticos como o alicerce para análise.

Os aportes teóricos adotados na definição de gênero, juntamente com a exploração de textos relacionados a gênero e infância, desempenharam um papel fundamental na detecção de elementos problemáticos, mesmo que de forma sutil, trazidos à tona pelo curta-metragem. Como consequência disso, as nucleações diante das análises descritivas das cenas, se fizeram necessárias com o intuito de aprimorar a compreensão e estruturar as reflexões derivadas das relações diante das diferentes manifestações de gênero na escola e nas infâncias.

As discussões realizadas perante as análises refletiram em alguns pontos importantes de abordagem, como as relações de gênero e suas diferentes atribuições, as expectativas binárias diante de uma visão adultocêntrica de crianças, a relação

educacional diante das questões de gênero, entre outros elementos essenciais para compreensão e análise do estudo.

## 5 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho utiliza elementos cinematográficos como sua ferramenta norteadora. A produção audiovisual que será analisada, trata - se de um curta-metragem espanhol chamado "Vestido Nuevo", lançado em 2007, com direção e roteiro de Sergi Pérez. A partir dele, busco maior compreensão do tema gênero e suas implicações na vida em sociedade e, sobretudo, em relação à educação e a infância.

O cinema, considerado a sétima arte, desempenha um papel crucial como uma forma significativa de expressão humana. Partindo desse entendimento, optamos pela utilização do curta-metragem Vestido Nuevo como suporte para refletir algumas implicações de gênero e infância no espaço institucional de educação.

O texto "Meninas e Meninos na Educação Infantil" de Vianna e Finco (2009) explora diversos aspectos da formação de meninas e meninos, examinando como as práticas educacionais se desdobram nos distintos papéis de gênero. Inicialmente, podemos questionar de que maneira a prática docente, por vezes, impõe concepções predefinidas de feminilidade e masculinidade às crianças.

Sobre o que se entende por questões biológicas e como elas impactam na feminilidade e masculinidade, Vianna e Finco (2009, p. 268), pontuam que:

Refletir sobre os fundamentos dessas afirmações no âmbito da educação e, mais especificamente, da educação infantil exige o questionamento de suas origens e do peso do caráter biológico na construção das diferenças. Isso pressupõe, por exemplo, indagar a respeito da interferência e do papel da cultura nos processos de socialização e de formação de meninas e meninos desde suas primeiras experiências de vida na instituição escolar.

As autoras ainda nos instigam a refletir sobre a inadequação de fundamentar as diferenças entre meninas e meninos unicamente em determinantes biológicos. Elas ressaltam que a sociedade é responsável por criar expectativas em torno de gênero, ditando o que deve ser associado a cada um, incluindo vestimentas, comportamentos e habilidades. A sociedade, em geral: pessoas adultas, mulheres, pessoas não-binárias e homens educam direta ou indiretamente as crianças, exercendo um controle muitas vezes sutil (em outras não tanto) e quase "invisível" sobre seus corpos, atribuindo-lhes papéis específicos de gênero.

No fragmento a seguir, é possível perceber as expectativas atribuídas às mulheres e aos homens no processo educacional de meninas e meninos, evidenciando como esse fenômeno se desenrola:

Homens e mulheres adultos educam crianças definindo em seus corpos diferenças de gênero. As características físicas e os comportamentos esperados para meninos e meninas são reforçados, às vezes inconscientemente, nos pequenos gestos e práticas do dia-a-dia na educação infantil (Finco, 2003). Por exemplo, a forma como a família ou a professora conversa com a menina, elogiando sua meiguice ou como justifica a atividade sem capricho do menino. O fato de pedir para uma menina a tarefa de ajudar na limpeza e ao menino para carregar algo já demonstra como as expectativas são diferenciadas. O que é valorizado para a menina não é, muitas vezes, apreciado para o menino, e vice-versa (Vianna e Finco, 2009, p. 272).

Pessoas adultas têm grande influência na formação das crianças e nas suas construções de concepções de mundo, inclusive em relação aos estereótipos já existentes na nossa sociedade. No âmbito educacional, por exemplo, ao disponibilizarmos brinquedos e dividirmos eles por gênero, podemos nos atentar sobre as concepções das crianças diante dessas divisões, pois elas constroem suas visões de mundo e criam significados não só na educação infantil, mas em instituições, como: a igreja, casa, parques, etc.

Como futuras pedagogas, devemos estar constantemente atentas aos pequenos detalhes na formação das crianças, pois desde muito cedo acabamos reproduzindo, mesmo que sem perceber, muitos estereótipos, preconceitos e discriminações.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é abordar a temática de gênero, reconhecendo a importância continuada de estudar este e outros temas para uma análise cuidadosa dos processos de aprendizagem, buscando contribuir para que a formação de crianças não seja limitada por nossas próprias expectativas de gênero e pelos papéis sexistas tradicionalmente estabelecidos.

## 6 CONCEPÇÃO TEÓRICA DE GÊNERO

Neste capítulo, busco situar, por meio das literaturas selecionadas, os conceitos de gênero e infância. Utilizo como referência reflexões de autoras que se fundamentam numa visão ocidental, além de algumas referências do movimento feminista ocidental. Com base em tal dimensão histórica, fundamento a construção desses conceitos neste estudo.

A autora Johan Scott (1995) inicia seu texto, intitulado "Gênero, uma categoria útil de análise histórica", reivindicando que todas as palavras possuem uma história. Gênero, portanto, é uma delas, nascendo da necessidade de demarcar, academicamente, um olhar político para a sociedade, levando em consideração as experiências das mulheres.

Gênero é um conceito pensado por mulheres feministas brancas no Ocidente, elaborado em meio à segunda onda do feminismo, tendo como um dos seus objetivos compreender o papel da mulher na história em relação ao sexo masculino. (PISCITELLI, 2009). Para além disso, busca compreender como a sociedade se estrutura politicamente, socialmente e economicamente, sendo pensada e analisada a partir de todos os sujeitos que a integram.

É necessário levar em consideração a experiência das mulheres, que também constroem o papel social da mulher, tornando assim, tal papel significativo na estruturação dessas esferas assim como na organização de políticas públicas, educacionais culturais e econômicas. É dessa forma, na presença e na prática efetiva dos estudos de gênero e nos estudos sobre a experiência das mulheres, que também se torna possível realizar ações que incorporem e amparem de forma ampla as pessoas que produzem e são produzidas na nossa sociedade (SCOTT, 1995).

A luta feminista no ocidente passou por algumas ondas, sendo a primeira realizada no final do século XIX e início do século XX. Esse momento histórico se caracteriza pelo seu caráter político, em que mulheres de diferentes países propuseram a ideia de "direitos iguais à cidadania". Deste modo, reivindicando seu direito ao voto, ao acesso à educação e a possibilidade de possuir bens e posses, já que durante esse período, só os homens acessavam esses privilégios (PISCITELLI, 2009).

A partir desse movimento surge a ideia principal de que, se as mulheres são submetidas de maneira não natural e injusta em relação aos homens, como isso é então determinado e estruturado? De acordo com Scott (1995, p. 85):

O termo 'gênero' faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens."

Na segunda onda feminista no ocidente, que ocorreu entre as décadas de 1960 e 1980, recebeu o slogan "O pessoal é político", a partir do entendimento da construção social dos papéis feminino e masculino, foi possível compreender que eles poderiam e deveriam ser modificados, visto que privilegiavam apenas os homens e, conseqüentemente, negavam os direitos das mulheres (PISCITELLI, 2009; BOTELHO, 2022).

Para Piscitelli (2009), as distinções desses papéis determinam finalidades; entretanto, as tarefas e suas respectivas divisões destinadas a mulheres e homens não seriam fixas, pois em diferentes culturas existem disposições e atribuições distintas para essas atividades, que não são naturalmente femininas ou masculinas, tampouco determinadas biologicamente. Os direitos das mulheres eram, a partir de uma ideia equivocada, limitados à maternidade, cuidado do lar e afazeres domésticos, desconsiderando suas reais necessidades e desejos, como, por exemplo, estudar e trabalhar.

As relações moldadas pela estrutura social são fundamentadas nas regras e normas estabelecidas, a atuação dos indivíduos de acordo com os papéis de gênero em determinados espaços corresponde às possibilidades e limites designados aos seus integrantes. Neste contexto histórico, a segunda onda foi um indicativo significativo de união das estruturas políticas e culturais para as mulheres, estimulando a resistência aos sistemas sexuais de poder (PISCITELLI, 2009).

A partir da terceira onda do feminismo no Ocidente, na década de 1990, surgiu o interesse em discutir as diferenças entre as mulheres e seus próprios objetivos, inclusive tornando-se uma pauta do movimento negro. As feministas passaram a considerar diversos marcadores sociais, como classe e raça, como aspectos essenciais a serem discutidos. Vale destacar que muitas mulheres dentro do próprio movimento não puderam participar nem lutar por seus direitos, uma vez que o

enfrentamento se deu predominantemente entre mulheres brancas pertencentes a uma camada elitizada que teve o privilégio de se manifestar. Esse período foi significativo para direcionarmos mais atenção às diversidades femininas, destacando a existência e resistência de mulheres lésbicas e negras (PISCITELLI, 2009).

O feminismo não é homogêneo, mas sim plural, não se encaixando em um único formato. Em diversas estruturas, encontramos diferentes mulheres, distintas formas de expressar a feminilidade e variadas lutas. Dentro do movimento feminista, percebemos opressões, discriminações e demandas que são interpretadas de maneiras diversas. Da mesma forma que na sociedade existem diferentes marcadores, como classe, gênero e raça, a luta feminista não está desvinculada dessa realidade, carregando consigo os privilégios de uma estrutura social centrada na branquitude e no domínio das camadas elitizadas sobre as periféricas (BOTELHO, 2022).

A luta das mulheres feministas negras é um poderoso exemplo dessas diferenças. Enquanto, no mesmo momento histórico, as mulheres eram retratadas como frágeis, incapazes de pensar por si mesmas, dependentes dos homens e sujeitas às vontades masculinas, as experiências das mulheres negras eram frequentemente esquecidas. Elas enfrentavam violência sexual e psicológica de maneiras distintas, uma realidade que persiste até os dias atuais. Enquanto mulheres brancas lutavam pelo direito de trabalhar, mulheres negras eram brutalmente escravizadas. O racismo subjuguou até mesmo o direito da mulher de ser mulher, de existir, de perseverar e de ser heterogênea (BOTELHO, 2022).

As lutas feministas permanecem vitais e relevantes nos dias atuais, evidenciando a necessidade contínua de resistência e luta pelos direitos, espaços e vozes das mulheres. Um exemplo disso é a persistente disparidade na representação feminina em posições de destaque nos espaços públicos. Além disso, a discrepância salarial, entre mulheres não brancas recebendo menos que mulheres brancas, e estas, recebendo salários inferiores aos dos homens que ocupam cargos semelhantes e desempenham funções idênticas, tais questões apresentam a urgência de ações e mudanças nesse cenário (SCOTT, 1995).

Scott (1995, p.22) aborda a questão das influências de gênero nos diferentes espaços, a autora afirma que:

[...] o mercado de trabalho (um mercado de trabalho sexualmente segregado faz parte do processo de construção do gênero), a educação (as instituições de educação socialmente masculinas, não mistas ou mistas fazem parte do mesmo processo), o sistema político (o sufrágio masculino universal faz parte do processo de construção do gênero).

A esfera política, ou seja, o espaço público de poder, é majoritariamente masculino, condição que inferioriza e dificulta o acesso das mulheres a ocuparem esses lugares, principalmente, quando se trata de mulheres negras e periféricas. Considero pertinente recordar das ações da ativista, socióloga e política brasileira Marielle Franco, nascida na favela do Complexo da Maré, defendia o feminismo, os direitos humanos e tecia duras críticas a intervenção federal do Rio de Janeiro e a Polícia Militar. Marielle foi assassinada, juntamente com o seu motorista, Anderson, no dia 14 de março de 2018, as investigações apontam milicianos como autores do crime (BOTELHO, 2022).

O assassinato de Marielle é, entre outras coisas, um exemplo da violência política, a resposta de um sistema pautado no silenciamento de mulheres, uma resposta a coragem de uma mulher, negra, lésbica, oriunda da periferia que ousou ocupar espaços não destinados à ela como forma de resistência.

Diante da importância política em relação a gênero, conceitua Scott (1995, p.23):

O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando os(as) historiadores(as) procuram encontrar as maneiras como o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e das formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política.

As violências físicas, psicológicas e políticas contra as mulheres são elementos que compõem a estrutura social desigual, constituindo referenciais essenciais para percebermos os tratamentos diferenciados entre mulheres e homens nas esferas públicas. Este é um espaço de enfrentamento e ousadia, não apenas de construção e liberdade para uma sociedade menos desigual e violenta. Corroborando a esta perspectiva, a autora Beauvoir (1949)<sup>3</sup>, por meio de sua frase amplamente reconhecida, nos adverte: "Nunca se esqueça de que basta uma crise política,

---

<sup>3</sup> <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy/announcement/view/467> Acesso em 04/12/2023.

econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que permanecer vigilante durante toda a sua vida".

Diante dessas discussões, pode-se entender os papéis sociais de forma determinista, justificados pelo natural, caracterizados por meio de atribuições biológicas e culturais. Os papéis sociais são determinados pela diferença biológica do sujeito, ou seja, em referência aos órgãos genitais, assim que ele nasce. De acordo com Scott (1995, p.85): "O gênero é um elemento constitutivo de relações baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos".

A autora ainda afirma que "gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder" (Scott, 1995, p.85). A partir disso, compreende-se que essas características são usadas para hierarquizar as relações de dominação entre os sexos. As ações e papéis sociais desempenhados por mulheres e homens são determinados pelos padrões de gênero, perpetuando a inferiorização das mulheres.

Existe uma clara diferenciação nas atribuições dos papéis sociais, destacando o homem nos espaços públicos e subordinando a mulher aos espaços privados. Mesmo com o direito das mulheres de ingressar no mercado de trabalho, ainda persiste uma distribuição desigual das responsabilidades domésticas. Muitas mulheres enfrentam uma jornada dupla, trabalhando fora de casa e, ao retornarem, assumindo as responsabilidades da manutenção do lar, cuidado dos filhos e atenção aos cônjuges, enfrentando uma dupla exploração. Cabe ressaltar que as tarefas domésticas são essenciais para a manutenção social, porém, como executadas majoritariamente por mulheres, não são remuneradas (SCOTT, 1995).

A partir das relações que envolvem integrantes mulheres, é possível perceber as mesmas no papel ativo da maior parte das tarefas. Há uma cobrança social sobre as mulheres para que elas executem muitas funções, como se homens também não fossem responsáveis pelas suas próprias vidas, ao cozinhar, limpar, zelar e cuidar do ambiente e dos integrantes familiares. As atribuições de características emocionais, do cuidado e proteção são correlacionados à mulher. A vulnerabilidade é considerada algo exclusivo da mulher, nasce com ela. A forma que somos educadas e criadas culturalmente é o fator determinante dessas considerações, os sentimentos não são biologicamente determinados, o sentir é humano, genuíno e sem gênero/neutro (SCOTT, 1995).

Há um parâmetro na visão ocidental do que deveria ser incentivado nas diferentes relações entre os gêneros. A divisão dessas características buscou ser clara e objetiva em suas distinções. Para o masculino atrelou-se à coragem física, o trabalho na perseverança, competitividade e sucesso, deste modo, são incentivadas a força física, a energia, ousadia e a virilidade. Já o feminino, observava uma justificativa natural para suas características, que precisavam ser controladas e disciplinadas. A mulher concentra-se na realização das atividades domésticas, na religiosidade atrelada à sua moral, na ideia de servir e servir, principalmente, aos homens (PISCITELLI, 2009).

Apesar dos avanços dos direitos e das ocupações das mulheres nos espaços sociais, por meio de muita luta social feminina, ainda há muitos desafios quando se trata da equidade entre os gêneros nas esferas públicas e privadas. O papel da mulher continua sendo definido pelas características elencadas anteriormente, essa realidade pode ser passível de transformação por meio das lutas dos movimentos feministas e em conjunto com o entendimento dos homens sobre os seus próprios papéis socialmente estabelecidos (SCOTT, 1995).

Importante observar que o entendimento dos homens sobre suas próprias ações, machistas, não é o suficiente para a transformação do meio que vivemos. Entretanto, reconhecemos que elas contribuem para manutenção das relações hierárquicas entre os gêneros. Compreende-se, portanto, que ações políticas e econômicas são necessárias para que haja uma transformação social relevante. (SCOTT, 1995).

Ainda para Scott (1995) não só as mulheres fazem parte de uma nova análise histórica da categoria gênero, mas também os recortes de raça e classe se fazem presentes e importantes para essa construção. Por muito tempo, a história das mulheres foi reconhecida de forma isolada a parte da história da humanidade. Contudo, a história das mulheres implica e estão relacionadas diretamente às histórias masculinas. A história narrada a partir da perspectiva masculina, persiste em reforçar as desigualdades existentes entre os sexos. Deste modo, foi possível perceber a falta de uma análise de gênero que incluísse e agrupasse melhor essas realidades.

Reproduzimos situações em que a identidade de gênero se expressa culturalmente, nas relações de poder, domínio e manipulação que estruturam a sociedade patriarcal. As relações de dominação e controle são relacionadas em direção a outras pessoas e/ou grupos, na sua grande maioria composto por mulheres.

Estas relações são estabelecidas socialmente pelas interações humanas em seus contextos, que são determinados por condições históricas, culturais e políticas que os especificam (SCOTT, 1995).

Pode-se compreender a partir das contribuições de Scott (1995), que gênero foi sendo construído como uma categoria de análise histórica, tornando-se uma ferramenta teórica fundamental para compreensão dos papéis sociais que, portanto, dependem e variam de seus contextos, territórios, classes etc. A identidade de gênero caracteriza entre outros fatores, quem você é e o contexto ao qual pertence. Nas múltiplas culturas, observa-se diferentes interpretações de gênero, pois a cultura determina, em cada localidade, significados e códigos sociais diferentes. É a partir dos conceitos de “normas” que vão sendo constituídas também as identidades, variando pelo contexto social, pelo parentesco, etc. A linguagem humana possui intencionalidade e as concepções de si são socialmente construídas e plurais.

Nesta ótica, seguindo os conceitos de Piscitelli (2009, p.126), destaca-se:

[...] quando nascemos somos classificados pelo nosso corpo, de acordo com os órgãos genitais, como menina ou menino. Mas as maneiras de ser homem ou mulher não derivam desses genitais, mas de aprendizados que são culturais, que variam segundo o momento histórico, o lugar, a classe social.

As atribuições de gênero são elaboradas socialmente, construindo no imaginário humano ideais e características que determinam o feminino e o masculino. Muitas vezes, esses padrões continuam a impedir o reconhecimento e a visibilidade do gênero neutro (PISCITELLI, 2009).

Em relação às discussões da gramática acerca dos gêneros Scott (1995, p.2) afirma que:

A relação com a gramática é ao mesmo tempo explícita e cheia de possibilidades inexploradas. Explícita, porque o uso gramatical implica em regras formais que decorrem da designação de masculino ou feminino; cheia de possibilidades inexploradas, porque em vários idiomas indoeuropeus existe uma terceira categoria – o sexo indefinido ou neutro.

Categorizar os gêneros de maneira isolada é reforçar os estereótipos que existem sobre os deveres, funções e o próprio comportamento dos sujeitos. Atribuímos funções diferentes aos corpos femininos e masculinos, demarcando assim os limites invisíveis de possibilidades dentro das relações e das ações na sociedade. A discriminação e o preconceito aparecem também, nas justificativas de que um

gênero é superior a outro, sendo dominante, controlador, determinista, e por esse motivo, conseqüentemente, revelam as atribuições de tarefas diferenciadas para cada gênero. Em concordância Piscitelli (2009, p. 121) descreve que:

O termo gênero, em suas versões mais difundidas, remete a um conceito elaborado por pensadoras feministas precisamente para desmontar esse duplo procedimento de naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a homens e mulheres são consideradas inatas, derivadas de distinções naturais, e as desigualdades entre uns e outras são percebidas como resultado dessas diferenças.

Neste sentido, as mulheres estão induzidas a serem mães, protetoras, gentis, educadas e do lar. Já os homens são incentivados a serem fortes, inteligentes, dominantes, firmes e muitas vezes agressivos. É dentro dessa ótica e expectativa do imaginário de gênero que se percebe os traços deslocados das realidades identitárias. A identidade se constitui a partir das relações estabelecidas em diferentes espaços e contextos, a partir de uma perspectiva machista reproduzimos e colaboramos cada vez mais para um ideal de pessoa centrado no binarismo e na opressão dos seus próprios desejos e vontades, que superam as expectativas padrões heteronormativas (PISCITELLI, 2009).

O binarismo de gênero, arraigado na perspectiva ocidental de mulher e homem, feminino e masculino, permeia várias gerações. Atualmente, pessoas jovens confrontam essas discussões em diversos espaços, sejam eles institucionais ou não, incluindo as redes sociais. No cenário político brasileiro, enfrentamos um governo reacionário de extrema direita durante o período da pandemia, o qual contribuiu significativamente para uma compreensão distorcida da realidade em relação a conceitos como gênero e família. Em consonância com essa perspectiva, Piscitelli (2009, p. 121) destaca que:

Quando as distribuições desiguais de poder entre homens e mulheres são vistas como resultado das diferenças, tidas como naturais, que se atribuem a uns e outras, essas desigualdades também são “naturalizadas”.

A abordagem no senso comum, revela gênero como: feminino e masculino. Na linguagem a disposição e a ordem das palavras não são neutras, possuem cultura e intencionalidade. As classificações na sociedade se mostram inevitáveis. Há um processo de rotulação, nomeação, codificação e sistematização dos objetos, pessoas etc. Essas ações construíram também a forma que nos comunicamos, entendemos o

mundo, atribuímos significados e principalmente nomeamos tudo à nossa volta. O que não nomeamos, torna-se invisível ou até mesmo sem sentido/significado, gerando estranhamento e fugindo da normalidade e padronização estrutural que vivemos. Portanto, o gênero neutro gera e causa um “estranhamento” pois rompe com os considerados “normais” pelos gêneros dominantes na nossa sociedade (SABAT, 2004).

De acordo com a autora:

A norma apropria-se de qualquer marca cultural para se impor: raça, etnia, geração, nacionalidade, são aspectos que servem de pontos de partida para a norma descrever e ordenar a diversidade humana. Para a norma se estabelecer, é preciso que ela identifique todos os desvios, tudo que foge à média, tudo que se torna estranho, abjeto, diante do que é valorizado socialmente. Daí também afirmar que a norma, além de descrever, estabelece valores e medidas – através da Estatística – com a finalidade de colocar ordem no mundo, de nomear, de classificar, de conhecer, de se apropriar, de incluir, com o objetivo último de excluir (SABAT, 2004, p.10).

Dependendo da intencionalidade do uso da língua, conseqüentemente apagam-se e silenciam-se identidades. Dessa forma, retira-se o direito de existir, ser e pensar sobre os diferentes tipos de gênero. Na norma culta padrão da língua brasileira, utilizamos o gênero masculino para representarmos uma grande quantidade de pessoas, assim como o uso quase imperceptível em nossas falas de dizer sempre o gênero masculino antes do gênero feminino. Essas atitudes e falas não são por acaso, muito menos sem intencionalidade (SCOTT, 1995).

O diálogo entre a língua, a linguagem e as afirmações de que a língua portuguesa deriva do latim, acabam sendo também suportes para justificar o preconceito existente da utilização do gênero masculino para falar de grandes grupos de pessoas, por exemplo. A língua, mesmo sendo derivada de outras culturas e diferentes estruturas sociais, não está distante do processo de masculinização histórica, onde mulheres, mesmo que pertencentes a essa, foram silenciadas, impedidas e isoladas dos diferentes ambientes de construção e formação social e histórica. É nesse processo de elaboração e construção de cultura, e da própria escrita dos fatos históricos que foram constituídas as relações de dominação dos homens sobre as mulheres, impossibilitando que a história da humanidade também fosse contada a partir de uma ótica diferente, a da mulher (SCOTT, 1995).

Diante das relações de dominação dos homens sobre as mulheres Ramos afirma que:

No que tange à dominação exercida sobre as mulheres, Bourdieu (2002) destaca que nessa relação de submissão a mulher só pode exercer algum poder contra a si própria, ou seja, no ato de aceitar ser apagada e ser invisibilizada em função do homem e da sua figura detentora do poder. O homem só se sente reconhecido como tal se tem sua força e coragem reconhecidos (RAMOS apud BORDIEU, 2021, p.316)

Afirmar que o gênero masculino presente não somente nas palavras, mas nas placas das ruas, nas posições de destaque na sociedade, na massificação dos casos de violência em todo o mundo, nas estruturas relacionais, entre outros marcadores sociais, não é intencional e objetivo é negar a própria identidade histórica. Para que possamos aceitar e respeitar uma possibilidade de melhora nas relações sociais dominantes em relação ao gênero, é necessário também se atentar ao uso de forma correta da fala e da escrita que incluam seus sujeitos (RAMOS apud BORDIEU, 2009).

Gênero, portanto, é uma categoria importante para questionar a determinação de privilégios de um sexo sobre o outro. É a partir do conceito de gênero que se abre a possibilidade de entendimento da ótica das historicidades femininas e masculinas, vistas de maneira integral não à parte.

O conceito gênero tem um papel importante na identificação e entendimento das atribuições dos papéis sociais, que por meio da cultura e das estruturas sociais são estabelecidos. Tal conceito, discute também a ideia de espaços privados e públicos serem destinados a diferentes tipos de gênero. O patriarcado, ao longo da história, vem estruturando as instituições seja no local de trabalho, nas escolas, igrejas, hospitais, empresas etc. Portanto, olhar para as construções sociais elaboradas e pensadas na perspectiva dos homens, tem sido cada vez mais objeto de estudo e análise, a partir do conceito de gênero, para que essas movimentações sejam avaliadas e reestruturadas a partir das diferenças de gênero, onde todos os sujeitos integrantes possam fazer parte dessa reorganização estrutural social pré determinada pelas categorias dominantes (SCOTT, 1995).

## 6.1 GÊNERO E INFÂNCIA

A partir da discussão apresentada até aqui sobre gênero, torna-se possível compreender a importância da infância e das concepções de gênero na educação de crianças. Na formação humana das crianças, como pessoas adultas, reproduzimos

uma gama de estereótipos, preconceitos e pensamentos individualizantes, determinantes para a concepção delas sobre si mesmas e suas próprias identidades. Existem diferentes infâncias, marcadas por características sociais distintas, como gênero, classe e raça, e é por meio dessas marcações que as individualidades e perspectivas de vida das crianças vão se transformando e se desenvolvendo. A infância é o estágio inicial do processo de entendimento do mundo e de si mesma, sendo nesse período que as identidades e singularidades de cada criança devem ser valorizadas (FELIPE, 2014).

Com base nos processos sociais e culturais que moldam nossa sociedade, surgem diversas formas de discriminação e preconceito, tais como homofobia, gordofobia, racismo, entre outras. Esses aspectos sociais, mesmo que em alguns casos sejam invisíveis ou não verbalizados, acumulam-se e internalizam-se no autoconceito. Configura-se, assim, um vasto conjunto de construções elaboradas a partir da experiência social vivida coletivamente, manifestando-se de maneiras diversas tanto para nós mesmas quanto para outras (FELIPE, 2014).

Ao analisarmos as concepções acerca das crianças, é possível perceber que existem diferentes contextos e experiências vivenciadas por elas nas relações com pessoas adultas. Essas interações muitas vezes envolvem formas de violência de gênero, desrespeitando as individualidades das crianças, restringindo sua liberdade de serem simplesmente crianças (FELIPE, 2014).

Ao insistirmos para que as crianças adotem uma única perspectiva, sem estimular a crítica ou o questionamento em relação às suas vivências e saberes, estamos predispondo-as a ignorar diversas outras possibilidades de existência. Isso não apenas limita a criatividade e a descoberta, mas também restringe a oportunidade de vivenciarem novas experiências e de construir suas próprias identidades com confiança nesse processo.

É um importante papel como sociedade refletir e compor sobre como as crianças podem ser provocadas a terem pensamento crítico, desenvolverem sua criatividade, questionar suas verdades e as verdades alheias, ao pensarem por si mesmas, ao formularem perguntas, ao viver experiências e ao receberem acolhimento necessário durante esses processos de descobertas (FELIPE, 2014).

Para que elas possam ter a liberdade de ser e existir de maneira mais saudável, é importante caracterizar que não há somente uma infância. As infâncias são plurais, distintas, diversas e significativas. Elas perpassam diferentes recortes de

classe, raça e gênero. Existem diferentes modelos educacionais e formas de relacionamentos com e para crianças, tornando assim infâncias diferentes e múltiplas (FELIPE, 2014).

Felipe (2014), em seu texto: *Infância, gênero e sexualidade*, aponta nomes como Rousseau no século XVIII, que defendiam uma educação diferenciada de meninas e meninos, de tal maneira que as expectativas e as definições de cada gênero eram demarcadas de maneiras separadas e distintas. O menino era educado para prover, para ser o criador e autor das suas histórias, já as meninas, ao contrário, havia um incentivo ao bom comportamento e as boas maneiras, de modo a aceitar e a realizar tarefas de maneira harmoniosa e passiva, idealizando geralmente, o agrado de outra pessoa que não ela própria.

As escolas eram e ainda são grandes espaços delimitadores das condições e atitudes das crianças. O ambiente, o tempo estabelecido para cada atividade e as regras acordadas entre os sujeitos, limitam as ações e movimentos delas, dentro do sistema institucional e, conseqüentemente, fora dos muros dos mesmos (FELIPE, 2014).

Ainda para Felipe (2014), as demandas eram diferenciadas e com divergentes finalidades, principalmente nas limitações e separações de gênero. Um exemplo disso, surge com a construção de escolas feitas somente para meninas ou somente para meninos, moldando e induzindo identidades e comportamentos nas crianças dentro da perspectiva e expectativa adultocêntrica, baseadas em modelos de moralidade.

Neste período, segundo a autora, o instinto era a principal justificativa para corresponder às ações de meninas e meninos. Se acreditava que era natural que a menina escolhesse bonecas e utensílios de cozinha para brincar, entendendo que era de forma instintiva que meninas compreendiam seus papéis sociais e, portanto, o faziam dessa maneira, sendo conseqüentemente natural, meninos escolherem carros de brinquedo ou estar nas árvores, nas ruas brincando, utilizando a sua força em relação aos ambientes e objetos que o cercam, sendo agentes ativos das suas próprias brincadeiras (FELIPE, 2014).

O silêncio e o controle dos corpos são fatores presentes relacionados à formação das crianças, principalmente nas meninas. Elas são criadas para agradar, serem silenciosas, falarem baixo e realizar papéis passivos em relação as mais diversas situações que implicam principalmente relacionamentos entre pessoas, tanto

com outras meninas, quanto com meninos. A amizade entre os gêneros era quase que proibida, errada (FELIPE, 2014).

Felipe (2014) afirma que as meninas eram destinadas ao matrimônio e à construção de família, dentro da moral cristã idealizada socialmente. Essas situações evidenciam no imaginário social ocidental, afirmações e representações que internalizam os modos de relacionamento entre os sujeitos. Relacionamento estes de uma vida em que mulheres nascem para agradar e os homens para possuir. Mulheres foram educadas para a submissão, nos diferentes espaços, nas falas, atitudes, etc. Portanto, homens criados de maneira a conquistar posses, espaços políticos e públicos, atrelam a mulher a mais uma forma de conquista, de domínio, traduzindo em manipulação da existência feminina.

À medida em que isolamos esses gêneros e dificultamos de serem tratados de maneira respeitosa, amigável, criam-se distâncias e ausências com a outra e consigo, gerando conformação com a construção atravessada das próprias identidades. Nas relações que envolvem mulheres e homens, existe também uma expectativa inconsciente. Há uma pressão social de que tais integrantes da relação devem se relacionar de maneira romântica, sexual, etc. Categorizamos as relações por muito tempo, direcionando para o laço matrimonial e a construção de famílias. Por meio dessas afirmações e repetições constantes durante as décadas, ainda concentra-se no imaginário esses mesmos objetivos (FELIPE, 2014).

Ainda de acordo com Felipe (2014), às relações entre sujeitos, sem os objetivos matrimoniais e familiares, é vista como anormal. As relações estabelecidas entre mulheres e homens são atreladas ao sexo e a sua sexualidade, como se as relações dependessem exclusivamente desses marcadores para se tornarem parte da norma ou serem reconhecidas.

## 6.2 GÊNERO, EDUCAÇÃO E CRIANÇAS

Na esteira das discussões, ao que se refere a educação diferenciada entre meninas e meninos, a escola torna-se uma figura importante em diversas realidades no que se refere à relação entre os gêneros e nas mediações dessas relações, visto que os agrupamentos de crianças e as relações estabelecidas entre elas fazem parte das instituições e ocorrem a partir da divisão de gênero (FELIPE, 2014).

Na primeira metade do século XX, havia uma preocupação com a moralidade das crianças. Muitos dos materiais pedagógicos sobre como educar as crianças da época caracterizavam a criança como um ser moldável, um objeto a ser modelado e agente passivo dessas informações provenientes de pessoas adultas, por meio também das instituições formadoras. A família, a escola e a igreja são importantes instituições que teriam a responsabilidade de gerar o entendimento de moralidade para as crianças, principalmente, mulheres adultas. Todos esses ensinamentos, de acordo com essas instituições e as representações a partir delas, sobre o feminino e o masculino, foram pontos importantes para a contribuição na formação da própria divisão de gênero (FELIPE, 2014).

A infância, pode ser considerada um espaço para o cultivo do encorajamento e da correlação entre os gêneros. A objetividade dessas relações pode ser estabelecida de maneira mista e natural. Felipe (2014) traz apontamentos sobre a educação moral de crianças, e essa educação era concebida de maneira precoce. Afirma-se que a partir dos seis meses começaria a educação formal e entendia-se que a criança era um agente passivo dessas construções de moralidade. Esses princípios morais eram inicialmente responsabilidade da família, escola e igreja a fim de que tornassem verdades incontestáveis, sendo assim, moldando de maneira objetiva diferentes identidades.

Os papéis sociais pré estabelecidos podem passar despercebidos, mas se fazem presentes neste meio, e indicam finalidades que geram concepções de si, que se iniciam também nos primeiros anos de vida nos ambientes de sociabilidade. Na infância tendemos a projetar nas brincadeiras e atitudes o que observamos a partir do mundo e do meio que estamos inseridas. Um mundo, que parte do pressuposto em que o binário é o maior educador e gerenciador dessas relações, o que torna possível que essas situações apareçam e reflitam nas crianças, nas suas formas de viver, socializar, brincar, se entender e se expressar. Em um pequeno trecho, Felipe (2014, p.119), afirma que:

Tais representações muito provavelmente instituíram sentidos, construíram identidades de gênero e identidades sexuais de meninas e mulheres, instaurando saberes, produzindo “verdades”, de modo a regular e normatizar a vida das pessoas.

Se estabelece as relações de gênero entre crianças de maneira que elas reproduzem comportamentos, atitudes e falas que as limitam, onde vão se demarcando espaços, ações, entre outras coisas, que devem ou não serem toleradas por determinado gênero. Essas relações estabelecidas ao longo da vida tornam-se cada vez mais complexas. Nas argumentações de Felipe (2014), é possível refletir e entender que diante da constância e repetição das categorizações de gênero, pode-se reproduzir também atitudes machistas e tóxicas em todos os sujeitos que fazem parte desta estrutura hierarquizada, por exemplo.

A régua moral estabelecida para cada gênero é ponto crucial nas elaborações psicológicas na vida dos sujeitos, colaboram com as suas identidades e experiências sociais. Diante disso, Felipe, citando Tomaz Tadeu afirma que:

Segundo Tomaz Tadeu da Silva, a normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como parâmetro em relação à qual outras identidades são avaliadas e hierarquizadas (Silva, 1994, *apud* Felipe, 2014).

As maneiras com que nos relacionamos e reforçamos esses comportamentos vão se construindo e moldando as estruturas sociais e de relacionamentos entre sujeitos. Felipe (2014) transparece que as representações de feminino e masculino pela repetição, constância e força que tiveram, contribuíram de maneira significativa para uma construção de uma “verdade” sobre os gêneros. Portanto, pode-se entender que as relações e os marcadores de gênero agem de maneira limitante e permeiam a nossa estrutura social e as construções e transformações que por meio do coletivo, os sujeitos são capazes de objetivar e realizar.

Ainda, a autora elabora que os ensinamentos morais acontecem de forma objetiva há muitos anos na nossa história. Os corpos infantis foram e são, em muitos casos, até os dias atuais objetos a serem controlados, vigiados e transformados à sua maneira. Maneira essa, com o objetivo de formar, moldar e educar os corpos conforme a moral estabelecida e proposta nas décadas passadas. Dentre os espaços sociais de educação infantil, a família, igreja e a escola, principalmente, tiveram e ainda têm, um papel muito importante e determinante na elaboração da estrutura social e comportamental entre pessoas, e no caso aqui, crianças de diferentes gêneros. A autora traz elementos sobre a ideia de que crianças correspondem às expectativas adultocêntricas e que são, de certa maneira, nos espaços de sociabilidade que as

atribuições de gênero colaboram diante de questões comportamentais que se estabelecem entre sujeitos e reforçam identidades.

Diante das discussões e reflexões feitas por Felipe (2014), é possível compreender que as relações marcadas pelo gênero dominante e pela norma que rege todas essas construções sociais, excluem também outras narrativas diferenciadas de cada sujeito. A partir de uma perspectiva ocidental, a construção das identidades e das possibilidades para meninas e meninos foi e ainda é tratada de maneira categorizada e hierarquizada. Os grupos sociais que ocupam posições centrais na sociedade, na medida em que se estabelecem como “normais” nos recortes de classe, gênero, sexualidade e raça, ocupam representações políticas, econômicas e sociais que determinam não só as próprias identidades, mas as de todos os sujeitos.

### 6.3 GÊNERO: DISTINÇÕES DE FEMINILIDADE X MASCULINIDADE

É diante dos relacionamentos interpessoais de diferentes gêneros, que é possível analisar e refletir alguns desafios na sociedade atual. O medo intrínseco e a sensação de ações equivocadas nas relações entre gêneros, preferencialmente, feminino e masculino, por muito tempo foi elaborada e construída de diferentes formas no imaginário social (SABAT, 2004).

Baseando-se nas narrativas de Felipe (2014), a justificativa matrimonial ocidental ofereceu, entre outras coisas, poucas possibilidades de se relacionar de diferentes formas nas relações entre crianças e nas relações entre pessoas adultas. A repetição e a construção das narrativas heteronormativas como norma padrão dos relacionamentos contribuíram para que as elaborações dessas relações e das características identitárias que se distanciassem desses objetivos fossem silenciadas, negligenciadas e violentadas, assim como o apagamento das vivências e experiências não binárias.

Em um momento específico da história, existiu uma preocupação maior com a moralidade das relações, que afunilaram tais perspectivas. Entendia-se, de acordo com a autora, que a percepção e o sentimento de felicidade seriam possíveis somente nas efetivações do laço matrimonial. A família, era o lugar que poderia dar espaço para as relações de afeto, sentimentos e amor. O contexto familiar, colocava-se como eixo central, construindo uma maior relevância nas relações entre esposa e marido, e

responsáveis e filhas. Transparece a partir desses apontamentos que se gerou ao longo dos tempos, um desafio em cultivar relações sem intenções sexuais entre os gêneros (FELIPE, 2014).

A relação da submissão das mulheres em relação aos homens e a forma com que estas relações foram estruturadas e reforçadas, possivelmente abriram espaço também para o confronto de interesses e da colocação dos papéis sociais nas relações entre os sexos e em diferentes contextos sociais. Pode-se refletir a partir das discussões da autora, que as construções sociais efetivadas pelos agentes dominantes, que os argumentos morais repetidos, entendidos e reforçados diversas vezes por muito tempo em nossa sociedade, demarcaram modos de existir, se compreender e até mesmo conviver entre pessoas (FELIPE, 2014).

Tais bases fundamentadas deste modo, colaboraram em representações significativas dos sujeitos que podem influenciar nos modos de experiência, vivência e afirmação das identidades. Assim como na produção de feminilidades e masculinidades. A ausência de um afirma o outro. O que caberia ao feminino não caberia ao masculino e vice versa. O binário ocupou um lugar de demarcação dos papéis sociais, naturalizando a hierarquização do gênero. Ao modo que organizamos e classificamos as identidades, não permitimos a possibilidade de existência do ser de forma natural. Atribui-se características e tarefas para cada um dos gêneros, negando assim o entendimento dos sujeitos sobre as suas próprias vontades e anseios sociais. As incansáveis repetições e atribuições podem causar um efeito de verdade absoluta, de essência e naturalidade. A identidade se constrói, deste modo, sem contestações:

A representação é utilizada pelos diferentes grupos e sujeitos sociais, na tentativa de estabelecer não só identidades do grupo ao qual julgam pertencer, mas também na intenção de definir a identidade dos outros (FELIPE, 2014, p.121).

Na forma em que grupos sociais dominantes determinam comportamentos e papéis sociais para cada gênero, torna-se perceptível a limitação e a delimitação das identidades de gênero que não correspondem à norma e ao padrão pré-estabelecidos por esses grupos. Este grupo, composto por homens cis, brancos, heteronormativos, monogâmicos e elitistas. Para Felipe (2014), a obsessão com a sexualidade normalizante e a heteronormatividade, podem ser explicadas. Nas décadas anteriores, a ideia de que qualquer desvio da heteronormatividade, como a

homossexualidade, foi visto, portanto, de maneira anormal, como um erro a ser corrigido. Existe uma preocupação muito grande neste período em educar para a moral das crianças, e pouco se questionava ou oferecia espaço para ocupar lugares plurais e diversos.

Essa educação para moral impossibilitava inclusive que as diferenças existentes fossem respeitadas e valorizadas. A possibilidade, deste modo, de haver outras formas de masculinidade era exilada e silenciada, pois fugia da ideia moralizante do que significava ser homem naquele tempo. Podemos reconhecer a afirmação nas ideias de (CONNEL 1995, apud FELIPE, 2014) que:

Nas décadas anteriores, porém, a possibilidade de exercer livremente outras formas de masculinidade talvez tenha se constituído como o grande problema a ser resolvido, tratado, vigiado. Essa vigilância tem sido exercida desde os primeiros anos de vida não só pela família, mas também pela escola, para que se possa garantir a manutenção de uma masculinidade considerada hegemônica.

As formas de ser homem foram incutidas nas crianças de maneiras objetivas e com finalidade. De acordo com Jane (2014), o trabalho é um exemplo de como os meninos foram ensinados a terem seus corpos e suas ações ativas diante dos seus objetivos e a se manterem ocupados. A construção da masculinidade também se relaciona com o trabalho, à medida que se constroem coisas, precedem outras e geram a necessidade da curiosidade, da competitividade e da perseverança. A vontade e o desejo de mudar, de encontrar a perfeição caracterizava-se como terreno “apropriado” para a educação moral, desta maneira, seria uma educação bem sucedida. Homens por muito tempo e ainda hoje, são tratados de maneira a serem efetivos, a usarem da força física para a construção e elaboração de ideias e tarefas. Incentivados a quererem, a estarem e a possuírem coisas, pessoas, lugares etc. Foram destinados dessa forma, papéis que colaboraram para a construção do ideal de homem e suas masculinidades de forma hegemônica.

De acordo com as autoras Felipe e Bello (2010) é importante pensar na discussão e na construção de gênero das crianças pequenas, caracterizando as relações entre meninas e meninos. A concepção de infância está atrelada, entre outras coisas, a perspectivas e expectativas adultocêntricas, visando o controle e a dominação dos corpos infantis e da construção das suas identidades. A maneira com que crianças interagem, falam, se comportam trazem reflexos do que pessoas adultas,

por meio da “vigia” esperam que elas retribuam em suas relações, desta forma, constitui-se entre outras coisas um ideal e uma estruturação de gênero.

Essas estruturas podem aparecer de diferentes formas e nos diferentes formatos de construções sociais de gênero. As autoras nos seus pressupostos explicitam que:

Cabe referir que não é possível falar em uma masculinidade, assim como não tem sentido falarmos em uma feminilidade, na medida em que existem várias representações do que é ser homem ou mulher, expectativas diversas sobre os seus corpos, atitudes, etc., embora algumas masculinidades e feminilidades sejam socialmente mais valorizadas do que outras (Felipe; Bello; 2010, p.177).

A formação de masculinidades é construída a partir das relações de pessoas adultas com e para as crianças, de tal forma que é incentivada a ideia de que existe uma norma a ser seguida e difundida na educação de meninos. Desde muito cedo, apontam Felipe e Bello (2010), especialmente os meninos precisam vincular sua masculinidade à heterossexualidade. Desta maneira, a masculinidade é construída a partir da misoginia. Há uma negação e desprezo ao que se é considerado feminino, normalizando também práticas homofóbicas. Diante disso, qualquer atribuição que fuja da expectativa e da norma padrão pré estabelecida é considerada aversiva.

Conceitua Sabat (2004) que é a partir do século XIX que a heteronormatividade passa a ser identificada como normativa. Vários discursos utilizados por meio da psicologia, medicina, religião, entre outros marcadores, reforçaram a ideia de que as mulheres foram feitas naturalmente para os homens. A naturalização e a normalização da heteronormatividade são gerenciadas de maneira a gerar impossibilidade de questioná-las.

Por meio de um viés capitalista, torna-se importante caracterizar a heteronormatividade, valorizada tanto socialmente quanto politicamente. Por meio de instituições políticas e sociais, tornou-se importante difundir a ideia de heteronormatividade. Um dos caminhos encontrados para que essas concepções se difundissem são as formas de representações de gênero em nossa sociedade. Atuando assim como um dos mecanismos que auxiliam no processo normalizante de uma sexualidade, tornando-se também objeto de mediação dos ideais padronizados (SABAT, 2004).

## 7 REFLEXÕES SOBRE GÊNERO, EDUCAÇÃO E INFÂNCIA A PARTIR DO CURTA-METRAGEM “VESTIDO NUEVO”

Conforme mencionado anteriormente, neste trabalho, realizaremos a análise do curta-metragem espanhol intitulado “*Vestido Nuevo*” (2007), dirigido por Sergi Pérez. Com uma duração de 14 minutos, o filme aborda questões de gênero no ambiente escolar. O protagonista, uma criança de nome Mário, decide usar um vestido rosa de sua irmã durante o carnaval de sua classe, desafiando as expectativas ao optar por essa vestimenta em vez da fantasia de cachorro dalmata solicitada pela professora. Produzido pela TV pública espanhola, o curta evidencia como a escolha de Mário gera desdobramentos que evoluem para situações conflituosas. A proposta é problematizar as relações de gênero na educação, destacando as normas culturalmente estabelecidas na sociedade ocidental e evidenciando uma relação padronizada e normalizadora das interações de gênero em diversos contextos.

### 7.1 EXPECTATIVA BIOLÓGICA DE GÊNERO

O curta-metragem inicia com Mário enfatizando em sala de aula o quanto gosta do dia de carnaval por não ter a obrigatoriedade do uso da farda (uniforme) na escola. Ao ter essa liberdade, opta por usar um vestido rosa de sua irmã, gerando um grande silêncio na classe ao entrar na sala. O choque das crianças, observado nas cenas, indicam que as expectativas biológicas de gênero são também processos culturais repetidos, repassados e conservados na nossa sociedade, inclusive produzidos e reproduzidos pelas diferentes infâncias.

A manutenção do binarismo concentra-se também na objetividade de classificar e normalizar comportamentos considerados femininos e masculinos. Na imagem a seguir, pode-se observar os meninos da classe encarando Mário, abrindo espaço subjetivo para diferentes interpretações diante da atitude de sua escolha em usar um vestido.

Figura 1 - - Mário sentado em sua mesa enquanto os colegas o observam



Fonte: Curta-metragem “Vestido Nuevo” (2017)

As vestimentas carregam consigo uma carga significativa, representando, entre outras coisas, diversas personalidades e identidades. Os significados atribuídos às escolhas de vestuário estão intimamente ligados às expectativas de gênero, na qual cores, estampas e comprimentos são diferenciados para diferentes identidades de gênero. Essa distinção é estabelecida, padronizada e normalizada na sociedade, sendo predominantemente determinada pela intencionalidade e perspectiva de pessoas adultas.

## 7.2 EXPLORANDO GÊNERO NA ESFERA EDUCACIONAL: CONSTRUÇÕES E RELAÇÕES ESCOLARES

Na infância, as situações anteriormente descritas também podem se manifestar nos contextos sociais das crianças, sendo a escola um dos cenários em que essas práticas ocorrem. Exemplifica Felipe (2014) sobre a infância, que diante da educação de meninas e meninos existiu e ainda existe uma visão determinante sobre suas ações e atribuições diferenciadas para cada gênero. A justificativa biológica era considerada natural para estabelecer as escolhas que as crianças realizavam nos seus variados contextos. A atribuição desses valores foi baseada em uma moralidade

incentivada por pessoas adultas ao longo da história, como forma de controlar os corpos e as atitudes das crianças a partir de suas relações.

Mário, por ter nascido com o sexo biológico considerado como masculino, está sujeito às expectativas relacionadas às conformidades de "ser menino". No entanto, ao optar por usar um vestido, uma peça tradicionalmente considerada "feminina", ele desafia o estigma associado às suas próprias escolhas. O conceito de "ser menino" é diretamente impactado pelo significado social que lhe foi atribuído, influenciando comportamentos, falas e ações.

Figura 2 - Mário sentado em frente à secretária



Fonte: Curta-metragem "Vestido Nuevo" (2017).

Na cena acima, Mário está sentado em frente à secretária, conversando com sua colega. Durante a conversa, ele compartilha com orgulho seu gosto por coisas que brilham e menciona que consegue pintar as unhas sem dificuldade. Mário sente-se feliz, confortável de ter tais habilidades e preferências, mesmo que externamente esteja sendo informado de que suas escolhas não são positivas, de que são "proibidas".

Podemos nos questionar a partir dessas discussões: Qual o papel da escola diante das escolhas de Mário? Como as relações de gênero são gerenciadas e dialogadas na sala de aula? Essa prática acontece? De maneira geral, qual é a responsabilidade de pessoas adultas nessas relações tão complexas? Como essas

relações são mediadas diante das diferentes expressões de gênero em nossa sociedade, mesmo que não correspondam ao binarismo presente em nossas manifestações de identidades culturais?

### 7.3 RELAÇÕES SEXISTAS DE GÊNERO

De acordo com Scott (1995), é possível compreender que a construção do “ser mulher” é subjetiva, sendo assim construída no meio social a partir de uma cultura, que por muitas vezes, reproduz falas e ações violentas contra mulheres, determinando um padrão opressor social a ser alcançado e reforçado.

Figura 3 – Santos, um menino da classe ofendendo sua colega em sala



Fonte: Curta-metragem “Vestido Nuevo” (2017).

Na cena acima, em um outro trecho, no início do curta, aparece “Santos”, um menino da classe, que chama uma colega de anoréxica e sem peitos, enquanto entram na sala para se sentarem. É possível, dentro deste recorte, analisar, junto aos apontamentos da autora citada acima, questões sexistas de gênero e principalmente sobre a corporalidade dessas crianças.

Ao longo do tempo na sociedade, é comum observar experiências onde a mulher torna-se alvo de críticas, estas também relacionadas ao seu modo de se

comportar, falar e se vestir. Quando Santos diz à menina que ela não tem peitos, é possível compreender que há um ideal de corpo que parte de um imaginário social determinista, e que este ideal é direcionado aos corpos das mulheres que estão incorporados na expectativa de uma sociedade patriarcal, de um corpo “padrão” e que as demais diferenças encontradas podem ser consideradas fugas de uma expectativa normalizante.

Diante disso, baseando-se nas autoras Felipe e Bello (2010) percebe-se a inferiorização da mulher, atribuindo uma ideia de desvalorização e superficialidade, tornando as atitudes atreladas ao feminino, ao ser mulher, fragilidades entre os homens, ações a serem reprimidas e ausentadas. Situações relacionadas às mulheres ou a suas representatividades são vistas como negativas, sendo motivo de aversão quando estão relacionadas às práticas concebidas pelos homens.

Com isso, ao compreendermos que vivemos em uma sociedade patriarcal, é possível que seja questionado sobre como ela se caracteriza, quais são as atribuições e representações da repetição dessa estrutura que perpassa gerações? Como os meninos são educados? Que tipo de construção do gênero masculino está sendo formado? Esses foram alguns dos questionamentos que surgiram ao longo dessa pesquisa.

#### 7.4 ATRIBUIÇÕES ESPECÍFICAS E DETERMINADAS DE GÊNERO

Adiante, em outra cena, Mário ao sentar-se na mesa com seu vestido rosa é questionado pela professora: “O que estás fazendo? Estás vestido de menina”. E se generaliza na classe, por parte das crianças, diversos comentários ridicularizando Mário pela sua atitude inusitada. O menino não está trajado de menina, ele está usando um vestido. Ele apenas se vestiu como queria, como se sentia confortável. No imaginário social, há uma expectativa binária em conformar os corpos e as identidades infantis. Essa expectativa se entrelaça em dois diferentes caminhos, um deles ao ser menina, se deve comportar como tal, por exemplo: gostar de rosa, ser delicada, entre outras coisas. No caso do menino: ser forte, gostar de cores mais escuras, brincar de carrinho, etc.

Figura 4 - Crianças em sala caçoando de Mário



Fonte: Curta-metragem “Vestido Nuevo” (2017).

Na sequência, a partir da imagem, quando se atribui um determinado comportamento a um tipo de gênero, como, por exemplo, dizer a um menino que ele não deve chorar, pois isso é coisa de “mulherzinha”, ele está sendo invalidado. Para além disso, diminuindo e desvalorizando conseqüentemente características estereotipadas do que é ser mulher. Pessoas, independentemente de gênero, podem ser capazes de sentir ao longo da vida por vários fatores. Na visão de Scott (1995), transparece a ideia de que os papéis sociais são determinados e colocados como naturais desde o seu nascimento. Há uma justificativa do papel social sobre a determinação biológica das pessoas como forma de determinar seus lugares e atribuições na esfera social.

Sendo assim, exemplifica Sabat (2004), que por muitas vezes existe uma internalização dos valores considerados “normais”, que contribuem para a reprodução de uma sociedade sexista. Frequentemente, falas como a de dizer que chorar é coisa de “mulherzinha” colaboram para uma formação aversiva e atravessada diante da identidade de meninos e homens na nossa sociedade. Reforçando assim, estereótipos de gênero feminino e masculino e os desafios diante das relações entre mulheres e homens. Homens também podem ser capazes de sentir, e de

demonstrarem sentimentos. Contribuindo também com a preocupação atual em saúde mental, conhecimento do corpo e entendimento das individualidades e diferentes identidades.

No caso de Mário, havia uma expectativa biológica por ser um menino em formas específicas de comportamento e de roupas. Ao ter preferências divergentes, ele rompe com o ideal do que se espera das atribuições e representações que um menino deveria exercer. As atribuições definidas por pessoas adultas partem de uma justificativa do natural que são repetidas e reforçadas ao longo do tempo diante da construção de uma masculinidade. As construções dessas identidades vão sendo elaboradas a partir dos diferentes significados e concepções de ser homem. Assim como as características em relação ao sentir, ao experienciar, ao se comportar, são diferentes para cada determinação de gênero. Felipe e Bello (2010) discorrem sobre masculinidades:

Dessa forma, a agressividade, por exemplo, costuma ser atribuída naturalmente ao homem, como se houvesse uma essência da qual fosse impossível escapar. No entanto, se prestarmos mais atenção, veremos que existem várias masculinidades que buscam um lugar de hegemonia. Talvez existam tantas outras masculinidades que entendem esse lugar como não sendo seu (Felipe; Bello; 2010, p.177).

Diante dessas discussões, compreende-se que o comportamento de Mário ao escolher um vestido rosa para usar, ao pintar as unhas ou até mesmo preferir as coisas que brilham, não o torna menos homem. A identificação e significação do próprio sujeito, em especial aqui, a da criança deve ser considerada e respeitada, a partir de uma ótica em que a criança é produtora de cultura e possui direitos que devem ser preservados.

Mesmo que o determinante biológico faça transparecer a afirmação da força física nos homens, é possível a partir dessas situações, entender que a estrutura que foi colocada socialmente foi organizada pensando nos homens, e não nas mulheres. As ferramentas sociais e físicas, de certa maneira, favorecem os homens, à medida que conseguem ter maior poder e controle diante de diferentes esferas. Em relação às crianças, estas atitudes, entre outras, favorecem o reforço no imaginário infantil seus lugares de ocupação e de entendimento sobre elas, nutrindo estereótipos de gênero e aumentando as expectativas diante da determinação biológica.

Em retorno a cena da professora com Mário, ao entrar na sala de vestido rosa foi indagado por ela – afirmando que ele estava vestido de “menina”, não lhe foi questionado porque estava usando um vestido. E para além disso, porque ele deveria estar sendo indagado por vestir o que gostaria? Podemos refletir a partir dessas relações que meninas atualmente não são questionadas ao usarem calça, ou uma blusa azul, por exemplo.

Nesta cena, transparece as atribuições de gênero específicas para as determinações biológicas. O vestido, é uma peça de roupa determinada socialmente para meninas e mulheres, quebrando a expectativa não só da professora, mas do que se tornou normativo e binário no imaginário das crianças em sala de aula. O que está atrelado ao feminino pode-se entender que se ausenta no masculino e vice-versa. Este binário pode ser percebido em diferentes formas no meio social, como nos livros, filmes, novelas, propagandas, desenhos etc.

Na sequência da cena, Mário é retirado da sala de aula e seu pai é chamado para comparecer à escola para buscar o menino.

## 7.5 NORMALIZAÇÃO DOS CORPOS INFANTIS

Sabat (2004) auxilia no entendimento sobre um ideal específico de normalização dos corpos infantis. À medida que a organização capitalista tem fundamentação e intencionalidade nos desdobramentos do controle dos corpos e da hierarquização de uma masculinidade hegemônica e determinante, a normalização de uma sexualidade específica também é repetida e reproduzida nas instâncias sociais, inclusive nas escolas. Um dos principais objetivos da educação é moldar os sujeitos de acordo com os locais que estão inseridos, o binarismo normal/anormal surge historicamente antes mesmo do surgimento da escola moderna, reforçando o conceito de que há uma sexualidade normal padrão a ser seguida.

Nas cenas que se sucedem, após ser retirado de sala, sua colega de classe senta ao seu lado e faz alguns questionamentos e apontamentos. Em sua fala, diz que ele não pode se vestir de menina, pois é ilegal. As constantes repetições dos estereótipos de gênero reforçam o ideal de ser menina e ser menino. Observamos na cena, a concepção da colega ao afirmar que Mário se vestir daquele jeito é ilegal, não faz parte do aceitável, foge da norma padrão.

Figura 5 - Mário em conversa com sua colega de classe



Fonte: Curta-metragem “Vestido Nuevo” (2017).

Foi-lhe tirado o direito de usar o que queria, o direito da descoberta, das sensações, da imaginação. A ação de Mário ao se vestir daquela maneira expressa uma vontade e um desejo de explorar e se sentir bem consigo mesmo. Diante da não correspondência da expectativa adultocêntrica de uma masculinidade determinante, do que significa ser homem, lhe foi tirado o direito de ser ele mesmo, respeitando suas demandas e necessidades.

Para reforçar, Felipe e Bello (2010) afirmam que:

Deixarmos-nos pensar que a infância é um momento de descobertas e que ser homem é algo que se aprende a partir dela é acreditar que existe a masculinidade “lá fora”, ou no caso das descobertas: “lá por baixo”. Imaginarmos que ser homem é uma coisa que se aprende ao longo do tempo é estarmos atestando o por vir (Felipe; Bello; 2010, p.179).

Compreende-se na cena citada que Mário não vê nada de errado. O combinado da turma era de se vestir de “dálmata” na parte da tarde, a professora ao olhar sua mochila e encontrar a fantasia de cachorro, percebe que o garoto escolheu, por vontade própria usar um vestido, ou seja, não foi um mal entendido.

Além disso, outro ponto importante é pensar o papel da professora na cena em que, ao tentar gerenciar a situação reproduz estereótipos de gênero, colocando a criança numa situação de constrangimento. Pessoas adultas, podem reforçar os

papéis de gênero na formação das crianças, assim como a construção das identidades das mesmas. Desse modo, é importante voltar a atenção para os detalhes que podem passar despercebidos na educação de meninas e meninos. Educadoras não estão ausentes das repetições e reproduções que por muitas vezes é incorporada nas ações do cotidiano. É neste percurso que reavaliar as percepções de si podem ser relevantes, quando elaboradas na cópia de estereótipos, estigmas, preconceitos e discriminações etc.

A partir dos estudos realizados foi possível pensar nas questões relacionadas às masculinidades. O que é ser homem em uma sociedade? Citando como exemplo o documentário: “A máscara em que você vive” (2015) que traz relatos de homens e meninos de várias idades e de como lhes foi ensinado sobre a sua própria masculinidade e como isso reflete em suas vidas de forma tóxica e perpassada por diferentes gerações (NEWSOM, 2015).

Há uma cultura e uma estigmatização em cima da masculinidade, tornando-a tóxica e distorcida, dificultando a visão sobre si, sobre o que é ser homem e de como um homem enxerga uma mulher e em como deve tratá-la. Frequentemente na formação de meninos, existem falas e modos de ensinar sobre masculinidade que ferem, machucam e que traumatizam meninos de diversas idades e que possivelmente reproduzem esses comportamentos ou reprimem formas diferentes de lidar com suas identidades (NEWSOM, 2015).

Na infância, a partir das relações sociais, é possível que as crianças reproduzam comportamentos, observem, e aprendam de variadas formas a partir das relações e dos contextos que estão inseridas. Os detalhes e as reproduções e repetições de determinados comportamentos tornam-se importantes na formação das identidades das crianças e nas relações delas com elas mesmas e com as outras. De acordo com os argumentos Felipe e Bello (2010) podemos refletir que:

Talvez possamos pensar que o modo pelo qual as crianças se comportam, o que elas fazem ou dizem são produzidos a partir do que elas pensam ser os desejos adultos para as suas constituições de gênero. Podemos notar isso quando elas fazem gestos, mantêm posturas corporais, empostam a voz de forma diferenciada, utilizam vocábulos inusitados para se expressarem de forma tão teatral que parecem estar tentando nos mostrar que possuem um saber sobre o que é ser homem ou ser mulher (Felipe; Bello; 2010, p. 176).

Em outra cena, ao conversar com o pai de Mário, o diretor questiona sobre o comportamento do menino e sobre o “mal entendido”, dizendo que foi enviado um

recado para os responsáveis de que a fantasia de dalmata poderia ser usada apenas na parte da tarde. Novamente, outra pessoa pergunta, dessa vez o diretor: “Porque ele veio vestido de menina?”.

Figura 6 - Diretor em conversa com o pai de Mário



Fonte: Curta-metragem “Vestido Nuevo” (2017).

O pai de Mário explica que o filho gosta de se vestir assim, aparentemente a cena dá a entender que o pai já sabia dos gostos do filho e o entendia de certa maneira. Ao sair da escola após a conversa com o diretor, o pai de Mário coloca seu próprio blazer no filho, como quem o protege da situação ocorrida, mas ao mesmo tempo, parece acolher o filho e entender seus desejos e sua motivação para estar com o vestido de sua irmã. Embora ele tenha sido o mais compreensível em todo o contexto apresentado, ainda assim transparece que o pai não soube lidar bem com a situação. Na imagem a seguir podemos ver o pai de Mário o pegando no colo e o levando para casa.

Figura 7 - Mário abraçando seu pai ao sair da escola



Fonte: Curta-metragem "Vestido Nuevo" (2017).

A sociedade constrói e estabelece papéis de gênero, com base no sexo biológico. Conseqüentemente, observa-se que as expectativas em torno desses papéis sejam correspondidas pela criança que está conhecendo e aprendendo. A maneira como a criança é ensinada, a cultura em que está inserida, os contextos sociais diversos, as roupas, as tarefas atribuídas e as experiências adquiridas podem ser fatores que contribuem para a identificação e a elaboração de suas próprias identidades de gênero e até mesmo de sua sexualidade.

O curta-metragem, como artefato cultural utilizado nesta pesquisa, foi uma importante ferramenta para pensar nas relações estabelecidas a partir da ótica binária dos gêneros. A percepção detalhada e singela do audiovisual possibilita o entendimento e reflexões complexas e profundas sobre um tema cotidiano em nossa sociedade. As relações e construções das narrativas no curta-metragem permitem que quem esteja assistindo consiga produzir uma reflexão mais crítica diante de sua própria realidade.

Desde muito cedo, pessoas adultas tendem a classificar e rotular crianças, reforçando a relação binária dos gêneros e atribuindo expectativas de comportamento, relacionamentos, atividades, etc. No curta-metragem "Vestido Nuevo", os

acontecimentos com o menino Mário são também reflexos das formas de violência diante dos diferentes gêneros e formas de expressão de crianças.

As escolas, ainda hoje, como responsáveis também pela produção de cultura, são influenciadas pela cultura e, por sua vez, são agentes de representações e significações que permeiam a vida de crianças e pessoas adultas. Pressupõe-se que a escola seja um espaço democrático e de reavaliação de ações preconceituosas, misóginas e violentas diante das diferentes formas de manifestações de identidades e culturas identitárias.

Tais comportamentos estabelecidos e reforçados ao longo do tempo, comportamentos padronizados decorrentes de uma sociedade capitalista patriarcal, podem ser desconstruídos, visto que colaboram com a opressão e o silenciamento da liberdade e da individualidade dos sujeitos.

## 8 CONCLUSÃO

A partir da concepção do determinismo binário biológico, compreende-se que o tema de gênero é um objeto relevante de estudo social, sendo um agente na construção das relações entre os sujeitos. A educação desempenha um papel significativo nessa construção e estruturação das relações, sendo influenciada por expectativas biológicas em torno das atribuições dos papéis sexuais, que perduram ao longo da história e persistem nos dias de hoje.

Analisando os estudos, teorias, conceitos e discussões diante das contribuições de diversas autoras no campo de gênero e infância, foi possível refletir que é na fase inicial da vida que se estabelecem os processos de compreensão dos papéis sociais, muitas vezes determinados por uma perspectiva adultocêntrica. O curta-metragem "*Vestido Nuevo*" (2007), utilizado como ferramenta de estudo, auxiliou na compreensão e na visualização dos conceitos e discussões teóricas pesquisados e apresentados durante a elaboração do trabalho realizado. A importância da análise se faz na reflexão do curta-metragem, à medida que esses artefatos culturais abordam também estereótipos de gênero e se propõem a desafiar ou reforçar esses mesmos estereótipos. Sendo assim, objetivando de forma artística, detalhada e criativa as relações estabelecidas nas perspectivas de gênero, assim como a visualização desses processos pode oferecer reflexões valiosas sobre como as crianças percebem e interpretam normas do mesmo.

A formação de meninas e meninos é, inicialmente, parte de uma construção e repetição da nossa cultura, que por muitas vezes é homofóbica, heteronormativa e discriminante. Cabe reforçar que a criança é um sujeito de direitos e que também produz cultura. As diferentes infâncias em contextos diversos demonstram que há diversidade e pluralidade nessas relações, sendo heterogênea e ampla. A valorização das identidades e subjetividades torna-se indispensável para a construção formativa das crianças.

Portanto, pensar em uma formação profissional permanente torna-se importante para professoras e profissionais da área educacional, entendendo que é na construção e reflexão desses saberes que são possíveis os espaços de respeito e relevância das necessidades infantis. E para tal objetivo, o artefato cultural selecionado para este trabalho, o curta-metragem, torna-se um instrumento capaz de auxiliar no estudo e na pesquisa de temáticas mais complexas, como gênero.

O tema gênero está relacionado à formação de educadoras, pois influencia a maneira como essas profissionais abordam questões de igualdade, diversidade e inclusão no ambiente escolar. A concepção das relações de gênero e das relações entre crianças desempenha um papel fundamental na promoção de práticas educacionais mais equitativas e inclusivas, impulsionando as educadoras a reconhecer, questionar e superar desafios relacionados a questões de gênero no contexto educacional.

## REFERÊNCIAS

- BELLO, A. T., & FELIPE, J. (2010). **Delineando masculinidades desde a infância**.
- BEAUVOIR, S. (1949). **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BOTELHO, Julia. (2022). **Vertentes do feminismo**: conheça as principais ondas e correntes! Politize. Disponível em: <https://www.politize.com.br/feminismo/>
- FELIPE, Jane. (2014). **Infância, Gênero e Sexualidade**. Educação & Realidade, 25(1). Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/48688>
- PISCITELLI, Adriana. **Gênero**: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B.; SZWAKO, J. E. (Org.). Diferenças, igualdade. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 118-146.
- RAMOS, E. (2021). **A construção narrativa da Bruxa Xianniang no live action de Mulan**: pedagogias do gênero em ação. Diversidade e Educação, 9(1), 305–323. DOI: 10.14295/de.v9i1.13032. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13032>. Acesso em: 25 mar. 2023.
- SABAT, Ruth. **Pedagogia cultural, gênero e sexualidade**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis (SC), v. 09, n.01, p. 09-21, 2001.
- SABAT, Ruth. **Educar para a sexualidade normal**. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED, 2004, Caxambu (MG). Sociedade, democracia e educação: qual universidade?. Manaus (AM): Microservice tecnologia digital da Amazônia, 2004. p. 1-14.
- SCOTT, Joan. **"Gênero: uma categoria útil de análise histórica"**. Educação & Realidade, v. 20, n. 2. Porto Alegre, julho-dezembro de 1995. p. 71-99.
- NEWSOM, Siebel Jennifer. **THE MASK YOU LIVE IN** (A máscara em que você vive). Direção e roteiro: Jennifer Siebel Newsom. Estados Unidos, 97 min, 2015.
- VESTIDO NUEVO (Original). **Direção de Sergi Pérez**. Espanha, 2007. (14 min.). Disponível em: <https://youtu.be/ktCXZg-HxGA>.
- VIANNA, Cláudia; FINCO, Daniela. **Meninas e meninos na educação infantil**: uma questão de gênero e poder. Cadernos Pagu, 33, 265-283, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n33/10.pdf>.